

# AS MÚLTIPLAS FACES DA VIOLÊNCIA URBANA NA CONTEMPORANEIDADE

## THE MANY FACES OF URBAN VIOLENCE IN CONTEMPORANEITY

Jose Geraldo Rocha<sup>1</sup>  
Jacqueline Pinheiro Lima<sup>2</sup>

### RESUMO

A violência urbana em suas múltiplas formas de manifestações interfere na vivência cotidiana dos indivíduos, constituindo-se em agressões sistemáticas e negações de seus direitos, bem como de sua dignidade humana. Nas grandes cidades, a naturalização da violência acaba banalizando a vida e tornando a morte violenta uma alternativa para a solução de problemas sociais resultantes da ineficiência do Estado brasileiro no desenvolvimento de políticas públicas que salvaguardem as condições elementares de uma vida digna.

**Palavras-chave:** Cidade. Violência. Direitos. Cidadania.

### ABSTRACT

Urban violence in its manifestations interfere in the daily life of individuals, constituting a systematic aggression and a denial of their rights and their dignity. In large cities the naturalization of violence can trivialize life and transform violent death an alternative to solve social problems resulted from the inefficiency of the Brazilian's government in developing public policies that safeguard the basic conditions for a dignified life.

**Keywords:** Urban city. Violence. Rights. Citizenship

---

1 Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor e Coordenador Adjunto do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO. Email: rochageraldo@hotmail.com

2 Professora Doutora em História, Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio. Bolsista de Produtividade em Pesquisa UNIGRANRIO/FUNADESP. Email: jacapili@ig.com.br

## AS MÚLTIPLAS FACES DA VIOLÊNCIA URBANA NA CONTEMPORANEIDADE

O crescimento das cidades acarretou inúmeros problemas no cotidiano dos cidadãos. Nas últimas décadas, um dos maiores problemas que tem afligido a todos é a violência. Esta se expressa de muitas maneiras, influenciando o jeito de se viver, de se relacionar socialmente, e de se estar no mundo e “de sair do mundo”.

As múltiplas formas de violência constituíram-se em violações constantes dos direitos e em afronta à dignidade humana. No presente artigo abordaremos alguns tipos de violência e demonstraremos o quanto a violência afeta o dia a dia da vida das pessoas nas áreas urbanas.

As grandes cidades significam para muitas pessoas a possibilidade de uma vida melhor. O sonho de viver em uma grande cidade, onde o mercado de trabalho pode oferecer mais oportunidades de emprego e, com isso, uma melhoria na qualidade de vida, tem sustentado por décadas no país o fluxo migratório. As grandes concentrações urbanas, no entanto, tornaram-se espaços de todos os tipos de disputas, nem sempre saudáveis, nem sempre criadoras de perspectivas de uma vida melhor. Muitas famílias, movidas pelo sonho de uma vida melhor, ao chegarem às grandes cidades deparam com uma realidade bem diferente da sonhada. A moradia constitui um primeiro desafio a ser enfrentado. Não raro a única alternativa que resta é “se arrumar” nas periferias, ou seja, nos morros e favelas. A partir desse espaço dá-se início a uma saga da violência e violação de direitos. As condições de vida são precárias. A ausência do poder público na oferta das condições mínimas para uma vida digna se revela na inexistência do saneamento básico, dos serviços de saúde, educação, transporte, segurança e lazer. Nesse contexto de uma violência institucionalizada, outros tipos de violência encontram “terreno fértil” para se desenvolver. Modos “alternativos” de “ganhar a vida” passam a se incorporar numa cultura local. Exploradores e explorados compactuam modos de viver particulares. O chão fértil para a disseminação do tráfico de drogas. O “asfalto e a favela, o asfalto e o morro” compõem e estruturam uma relação de violência, cuja consequência não poderia ser outra que o aliciamento de grande quantidade de

jovens pobres a serviço dos interesses de “elites invisíveis” do asfalto. O Estado, que não oferece alternativas que propiciem o desabrochar da vida, nesse contexto, vai se mostrar como o “moralizador” das relações, e como consequência, no confronto, serão esses jovens que pagarão com a vida. Essa tem sido a constatação dos pesquisadores que elaboraram o mapa da violência no Brasil.

As mortes não naturais e violentas, como acidentes, homicídio ou suicídio, cresceram 207,9% entre os jovens, entre o período de 1980 e 2011. O número é ainda maior quando analisados somente os assassinatos, com aumento de 326,1%. Os dados fazem parte do *Mapa da Violência 2013: Homicídio e Juventude no Brasil*, publicado nesta quinta-feira (18), pelo Centro de Estudos Latino-Americanos. Para o levantamento foram utilizados dados do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde. De acordo com a publicação, do total de jovens com idade entre 14 e 25 anos que morreram em 2011, 73,2% chegaram a óbito de forma violenta. O homicídio é a principal causa de mortes não naturais e violentas entre os jovens. Em 2011, a cada 100 mil jovens, 53,4 foram assassinados. No mesmo período, a taxa de mortes em acidentes de transporte, como carros ou motos, registrou 27,7 óbitos. Segundo o *Mapa*, negros são maioria entre as vítimas de homicídio. De 2002 a 2010, dos 231 mil homicídios de jovens registrados, 122,5 mil eram negros, o que corresponde a 53%. No período, houve acréscimo de 18,4% nos casos de negros assassinados, enquanto entre os brancos ocorreu um decréscimo de 39,8%. (SILVEIRA, 2013, p. 1)

A vida tornou-se banal. A morte violenta foi naturalizada e passou a fazer parte do cenário. Encontrar corpos caídos nos cantos das ruas ao amanhecer já não choca mais ninguém. O refrão explicativo da morte quase sempre é o mesmo: “estava envolvido...”, como se isso apaziguasse a consciência de todos e justificasse o corpo caído no chão. Uma cena que muito me chamou atenção no final dos anos 1990, na Baixada Fluminense, sobre a naturalização da violência, foi ver duas crianças na faixa etária dos nove ou dez anos queimando uma vela e pingando parafina nos pés de um cadáver caído no chão, em uma rua da cidade, para ver se o morto se mexia. É tão comum lidar com a realidade da morte na região, que isso já não assusta as crianças. Em outra oportunidade, em uma escola, a professora pe-

diu para as crianças escreverem uma redação sobre balas (doces) e uma criança escreveu sobre “bala perdida”. A violência entra no cotidiano da vida de todos, e conviver com isso passa a ser a regra, e não mais a exceção.

Corroborando com essa perspectiva, no dia 12 de outubro 2013, dia das crianças, presenciava um grupinho de crianças brincando. Eram umas sete ou oito crianças. Em determinado momento, um menino de três anos fez um gesto de pegar uma arma, apontou para os demais e com a boca fez o som dos disparos, como se estivesse metralhando todos. Em seguida, colocou as mãozinhas na cabeça e ficou de cara pro carro estacionado, como se a polícia o tivesse pegado. Algumas pessoas que presenciaram a cena riram. E realmente parecia engraçado. Ao refletir sobre o episódio, parece que a naturalização da violência afeta de tal modo a vida das famílias, que já nem mais refletimos sobre comportamentos dessa natureza. Em conversa com os adultos, eles contavam que isso era comum ali naquela rua: os tiros e a polícia dando uma “dura” nos moleques. As crianças enxergam isso e aprendem. Não só aprendem como reproduzem. É a assimilação de uma cultura de violência cotidiana.

As grandes cidades, lugar de sonhos para muitos, têm se tornado o lugar de pesadelos. A violência tornou-as lugar de insegurança generalizada. A cada dia, o que se vê são pessoas aumentando a altura dos muros de suas casas, colocando cacos de vidros sobre muros, portões eletrônicos em suas garagens e residências, câmeras de segurança instaladas em todos os lugares, cachorros ferozes nos quintais, seguranças armados, entre outras “medidas de segurança”. As grandes cidades tornaram-se lugares inseguros. Isso gera no cotidiano um estresse tamanho, a partir do qual “todo mundo desconfia de todo mundo”. Todo mundo convive com o medo. Sai de casa, entra no carro, liga o ar e fecha o vidro. Não vê ninguém, não fala com ninguém, em nome da segurança. Um sinal parado desencadeia ansiedade total; se for à noite, muitos acham melhor pagar a multa por avanço de sinal que correr o risco de ser assaltado. Essa insegurança é um tipo de violência que acaba tornando as pessoas intolerantes. Briga-se por qualquer coisa no trânsito. Mata-se por qualquer bobagem. Cada um se acha no direito de se defender da violência. Soma-se a esse comportamento, que gera morte no trânsito,

a irresponsabilidade de condutores fazendo que o número de mortes no trânsito em nosso país seja superior a muitas guerras existentes no planeta. As estatísticas oficiais dão conta de um número superior a 30 mil mortos, fato relacionado, por pesquisadores e órgãos públicos, ao álcool, cansaço, desrespeito à sinalização e imprudência, excesso de velocidade e à impunidade e falta de fiscalização.

A disputa pelo espaço urbano gera um tipo de violência em que os pobres pagam um preço muito alto. A cidade em sua concepção sempre foi entendida como espaço para o cidadão. Existem pessoas que parecem não poder fazer parte dos habitantes das cidades. Não faltam em nosso país, governantes que assim o pensam. Alguns chegaram mesmo a desenvolver políticas voltadas para solucionar essa situação, que eles entendem como um problema. No Rio de Janeiro houve um governador que mandava recolher os pobres nas ruas, colocá-los na caçamba de um caminhão e jogá-los no rio Guandu. Em São Paulo caberia uma investigação mais apurada para saber por que tantas favelas pegam fogo e no lugar “nascem” edifícios. Ultimamente um “nobre” vereador de um município do interior do estado do Rio de Janeiro, em um discurso, sugeriu que os mendigos fossem transformados em ração e jogados no rio para os peixes.

Um vereador do município de Pirai, localizado no sul do Rio de Janeiro, causou polêmica ao defender a aprovação de um projeto de lei que proíbe moradores de rua de votarem. Durante uma sessão comemorativa dos 25 anos da Constituição Federal, José Paulo Carvalho de Oliveira, o Russo (PTdoB), disse que mendigo não deve votar, mas virar “ração para peixe”. “Mendigo não tem de votar. Não faz nada na vida. Não tem de tomar atitude nenhuma. Aliás, acho até que deveria virar ração para peixe. A gente trabalhando feito maluco. Não dou nada pra mendigo. Se quiser, vai trabalhar”, afirmou. “Todo mundo tem de trabalhar. Eu levanto cedo. Por que mendigo tem de votar? Não tem de votar mesmo, não”, acrescentou<sup>3</sup>.

Existe um modo de pensar violento na sociedade brasileira. O discurso do vereador aqui expresso apenas revela uma concepção do lugar de determinados segmentos sociais em um contexto de violência institucionalizada. É a mesma violência que alguns

3 Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias>>.

atores da rede Globo explicitam quando, em forma de piada, dizem que “pobre tem que comer dinamite aqui e explodir na fronteira”.

Na década de 2000, houve um projeto desenvolvido pelo prefeito do Rio de Janeiro que visava dinamizar a vida dos moradores da periferia, mas acabou se tornando um transtorno para inúmeras famílias. O que era uma favela, ao se tornar um “bairro”, teve um aumento da incidência de impostos, o que tornou inviável aos moradores a vivência no local. Valoriza-se a área, os pobres não aguentam arcar com os impostos e se transferem para um local mais retirado. Algo semelhante tem ocorrido com o processo de pacificação desenvolvido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. A violência é monstruosa nas periferias da “cidade maravilhosa”. Os grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014, as Olimpíadas 2016 não podem conviver com tal situação. É necessário, segundo os governantes, preparar a cidade para tais acontecimentos. Nessa dinâmica, a pacificação é necessária para termos uma cidade que possa acolher os eventos e turistas. É preciso “limpar” a cidade. É uma política de “higienização” da cidade. Assim sendo, tirar os mendigos das ruas é uma demanda urgente; expulsar os traficantes das favelas e morros é imprescindível.

No âmbito das múltiplas faces da violência que eclodem nas grandes cidades, encontramos aquela relacionada ao exercício da prática religiosa. Existe instaurada nas grandes cidades uma cultura de dominação religiosa, cujas raízes remontam ao período da colonização. No contexto da violência urbana, a intolerância religiosa tem sido caracterizada como atentado à dignidade humana. Pesquisas têm demonstrado que o desrespeito e a negação do direito à livre manifestação de fé, conforme o assegurado na Constituição, são uma constante. Com isso as religiões de matrizes africanas e seus seguidores têm sido alvo de violência desmedida na contemporaneidade. Isso tem sistematicamente afetado a vida daqueles que professam a fé nas religiões dos orixás. O sentimento de ser aviltado na sua dignidade pode ser percebido nos relatos colhidos na pesquisa sobre intolerância religiosa na Baixada Fluminense.

Sinto-me severamente ultrajado, porque esse senhor me humilhou, humilhou o meu povo, se desfez dos meus Orixás; disse que era religião de preto, que era vodú, que era culto ao demônio, ao

satanás. Eu observo que dentro das próprias religiões evangélicas, nos cultos que eles fazem dentro das igrejas, os pastores incentivam os seus fiéis a descriminarem as pessoas de religiões de matrizes africanas, sejam elas Umbanda ou Candomblé; eles incentivam a discriminação e até mesmo a agressão. Eu já presenciei um grupo de jovens evangélicos agredindo uma Yaô, arrebatando os fios de contas, rasgando suas roupas, o pano das costas e o de cabeça, isso foi no centro de Duque de Caxias, próximo ao Supermercado Guanabara. Foi um grande tumulto e muita gente foi em defesa dessa senhora e acabamos sem apoio das autoridades competentes, só nós que saímos na defesa e proteção dessa senhora.

(Paulo, 52 anos)

Em outra oportunidade um Babalorixá revela:

Só mesmo os Orixás para nos dar força, porque hoje ser responsável por um terreiro, ter um barracão funcionando acaba sendo perigoso. No tempo do meu pai de santo, os vizinhos e o povo de outras religiões respeitavam mais, isso eu ouvia dizer, e acredito, porque meu pai nunca falou de violências como as que vejo hoje. Gente invadindo os terreiros, agredindo a gente, até matando. E o povo de Candomblé precisa se unir mais para acabar com essa situação. Para se ter uma ideia, aqui, este barracão, onde eu trabalho para ganhar o meu sustento e onde vivo também, já foi apedrejado várias vezes, jogaram pedras no meu portão, chutaram ebós que despachei, passaram gritando de dentro do ônibus. Tudo o que podem fazer para me causar medo já fizeram. Tudo para me amedrontar e tentar acabar com as funções no terreiro. Eu continuo e não vou parar porque faço tudo pela fé que tenho nos Orixás. Não vou ligar para eles. É preciso que tenham amor no coração e respeito pelo outro. Respeitem as religiões de cada um.

(Lucas, 49 anos)

O crescimento das cidades foi engolindo os espaços dos terreiros e estes, por sua vez, passaram a significar incômodo para alguns segmentos religiosos. Tal afirmação pode ser percebida na narrativa de Ana.

O Terreiro do qual faço parte já existe há mais de 50 anos, e o pessoal da nossa rua sempre respeitou o meu pai de santo, os meus irmãos e o Axé, mas depois de alguns anos para cá as coisas se modificaram. Eu tenho 50 anos e nasci neste bairro. Para você ter uma ideia, quando eu era criança, só na minha rua existiam três terreiros, isso no pedaço

que eu conhecia. Agora próximo daqui só tem o que eu frequento; tinha uma capela católica e agora eu conto pelo menos quatro igrejas pentecostais. É duro porque antes todos os vizinhos respeitavam, nunca tivemos problemas sérios.

Depois que essas igrejas viram para cá começaram os nossos tormentos. Há quatro anos elas se juntaram para desmoralizar e agredir a gente. Numa festa de Ogum, eles, fiéis dessas igrejas, fizeram uma caminhada pelas ruas próximas e – depois ficamos sabendo que era para nos ofender – quando passaram na rua do nosso terreiro jogaram sal grosso e enxofre, e disseram que ali era a casa do demônio e de tantas outras coisas. Eles falaram tantas coisas ruins, negativas. Eles estavam com tanto ódio que ali poderia virar uma guerra, porque o nosso povo ficou enfurecido. Nós nunca fomos à porta de qualquer templo deles (Ana, 50 anos).

O tempo passa e novas formas de exercer a violência vão sendo aprimoradas. Algumas notícias amplamente veiculadas na imprensa demonstra o grau da intolerância e apontam para as nefastas consequências que tal atitude pode significar. Um episódio de repercussão nacional e internacional foi o ataque sofrido por um terreiro de umbanda no bairro do Catete no Rio de Janeiro em 2008. Assim noticiou o jornal *Folha de S.Paulo* em 03 de junho do mesmo ano:

#### **Evangélicos são acusados de quebrar centro de umbanda no Rio**

Quatro integrantes da igreja evangélica Nova Geração de Jesus Cristo foram presos, acusados de invadir ontem à noite um centro de umbanda no Catete, zona sul do Rio de Janeiro, e quebrar cerca de 30 imagens religiosas, prateleiras e um ventilador. O caso foi registrado na 9ª DP (Catete). Segundo uma das dirigentes do Centro Espírita Cruz de Oxalá, a advogada Cristina Maria Costa Moreira, 45, cerca de 50 pessoas aguardavam em fila a abertura do atendimento ao público, às 19h, quando Alessandro Brás Cabral dos Santos, Afonso Henrique Alves Lobato, Raimundo Nonato e uma jovem identificada apenas como Dominique chegaram ao local. De acordo com Moreira, eles ofenderam os presentes e forçaram a entrada na casa. “Eles chegaram dizendo que queriam ver onde estava o demônio e foram direto para o terreiro”, conta Celso Quadros, 52, outro dirigente do centro. “Quebraram tudo, inclusive imagens que temos há 40 anos.” A advogada Sílvia Santana, 33, que estava na fila, disse que os evangélicos disseram estar

agindo “em nome de Jesus” e acusaram os presentes de “adorar o demônio”.

Policiais foram chamados ao local e levaram os invasores. Até a noite de ontem, os acusados ainda prestavam depoimento e não havia informação sobre seus advogados. Segundo o advogado que representa o centro de umbanda, Márcio Melo de Almeida, eles serão indiciados sob acusação de danos materiais e ultraje a culto<sup>4</sup>.

Casos de agressões e violências relacionadas às práticas de fé de matrizes africanas continuaram acontecendo em todo o país, embora nem sempre divulgados na grande mídia. Em 2012, outro evento semelhante ganhou os holofotes da imprensa. Dessa vez, o acontecimento se dá em Recife e foi assim noticiado.

#### **Evangélicos tentam invadir Terreiro em Olinda**

Centenas de evangélicos com faixas e gritando palavras de bagunça realizam protesto em frente a um terreiro de matriz africana e afro-brasileira – candomblé, umbanda e jurema. As imagens poderiam ser de um filme sobre a Idade Média. No entanto, foram registradas no domingo, no Varadouro, em Olinda, Grande Recife.<sup>5</sup>

No ano de 2013, a face da violência assume uma dimensão mais preocupante ainda ao ser noticiada uma realidade que já vinha sendo detectada e denunciada pelos membros da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, sediada no Rio de Janeiro. Segundo a Comissão, em alguns bairros da cidade, as pessoas alertavam para o fato de que estava acontecendo a associação do tráfico com segmentos evangélicos para impedir os terreiros de realizarem suas práticas religiosas.

No dia 8 de setembro de 2013, o *Jornal Extra* publicou uma matéria dando conta dessa realidade. Fragmentarei a notícia em várias partes pra efeito de análise. Quando o indivíduo é identificado como praticante da religião de matriz africana, a represália do tráfico se expressa.

A roupa branca no varal era o único indício da religião da filha de santo, que, até 2010, morava no Morro do Amor, no Complexo do Lins. Iniciada no candomblé em 2005, ela logo soube que deveria

4 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u408216.shtml>>.

5 Disponível em: <<http://www.deldebbio.com.br/2012/07/18/evangelicos-tentam-invadir-terreiro-em-olinda/>>.

esconder sua fé: os traficantes da favela, frequentadores de igrejas evangélicas, não toleravam a “macumba”. Terreiros, roupas brancas e adereços que denunciavam a crença já haviam sido proibidos, há pelo menos cinco anos, em todo o morro. Por isso, ela saía da favela rumo a seu terreiro, na Zona Oeste, sempre com roupas comuns. O vestido branco ia na bolsa. Um dia, por descuido, deixou a “roupa de santo” no varal. Na semana seguinte, saía da favela, expulsa pelos bandidos, para não mais voltar.

– Não dava mais para suportar as ameaças. Lá, ser do candomblé é proibido. Não existem mais terreiros e quem pratica a religião, o faz de modo clandestino – conta a filha de santo, que se mudou para a Zona Oeste.

A situação da mulher não é um ponto fora da curva: já há registros na Associação de Proteção dos Amigos e Adeptos do Culto Afro-Brasileiro e Espírita de pelo menos 40 pais e mães de santo expulsos de favelas da Zona Norte pelo tráfico. Em alguns locais, como no Lins e na Serrinha, em Madureira, além do fechamento dos terreiros, também foi determinada a proibição do uso de colares afro e roupas brancas. De acordo com quatro pais de santo ouvidos pelo EXTRA, que passaram pela situação, o motivo das expulsões é o mesmo: a conversão dos chefes do tráfico a denominações evangélicas.

As práticas de intolerância chegaram a tal ponto que ultrapassam todos os limites da convivência humana, razão pela qual demanda uma ação enérgica do poder público com vistas a assegurar os direitos fundamentais da pessoa humana. Assim continua a notícia do Jornal Extra:

#### **Atabaques proibidos na Pavuna**

A intolerância religiosa não é exclusividade de uma facção criminoso. Distante 13km do Lins e ocupada por um grupo rival, o Parque Colúmbia, na Pavuna, convive com a mesma realidade: a expulsão dos terreiros, acompanhados de perto pelo crescimento de igrejas evangélicas. Desinformada sobre as “regras locais”, uma mãe de santo tentou fundar, ali, seu terreiro. Logo, recebeu a visita do presidente da associação de moradores que a alertou: atabaques e despachos eram proibidos ali.

– Tive que sair fugida, porque tentei permanecer, só com consultas. Eles não gostaram – afirma.

A situação já é do conhecimento de pelo menos um órgão do governo: o Conselho Estadual de Direitos do Negro (Cedine), empossado pelo próprio governador. O presidente do órgão, Roberto dos Santos, admite que já foram encaminhadas denúncias ao

Cedine:

– Já temos informações desse tipo. Mas a intolerância armada só pode ser vencida com a chegada do estado a esses locais, com as UPPs.

O deputado estadual Átila Nunes (PSL) fez um pedido formal, na última sexta-feira, para que a Secretaria de Segurança investigue os casos.

– Não se trata de disputa religiosa, mas, sim, econômica. Líderes evangélicos não querem perder parte de seus rebanhos para outras religiões, e fazem a cabeça dos bandidos – afirma.

A prática da violência como forma de intimidação e perseguição dos terreiros e seus praticantes vem sendo disseminada, tornando-se algo rotineiro em algumas cidades no país. No caso do Rio de Janeiro, as pessoas responsáveis por tal prática são tidas como “convertidas a Jesus”, conforme podemos verificar na sequência da notícia.

#### **Nas favelas, os ‘guerreiros de Deus’**

Fernando Gomes de Freitas, o Fernandinho Guarabu, chefe do tráfico no Morro do Dendê, ostenta, no antebraço direito, a tatuagem com o nome de Jesus Cristo. Pela casa, Bíblias por todos os lados. Já em seus domínios, reina o preconceito: enquanto os muros da favela foram preenchidos por dizeres bíblicos, os dez terreiros que funcionavam no local deixaram de existir.

Guarabu passou a frequentar a Assembleia de Deus Ministério Monte Sinai em 2006 e se converteu. A partir daí, quem andasse de branco pela favela era “convidado a sair”. Os pais de santo que ainda vivem no local não praticam mais a religião.

A situação se repete na Serrinha, ocupada pela mesma facção. No último dia 22, bandidos passaram a madrugada cobrindo imagens de santos nos muros da favela. Sobre a tinta fresca, agora lê-se: “Só Jesus salva”.

O babalaô Ivanir dos Santos, representante da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR), criada justamente após casos de intolerância contra religiões afro-brasileiras em 2006, afirma que os casos serão discutido pelo grupo, que vai pressionar o governo e o Ministério Público para que a segurança dos locais seja garantida e os responsáveis pelo ato sejam punidos. “Essas pessoas são criminosas e devem ser punidas. Cercear a fé é crime”, diz o pai de santo.

Ainda na notícia é perceptível como as pessoas que têm sua dignidade e direitos negados se sentem ultrajadas e desrespeitadas por essa forma de

violência.

– Me iniciei no candomblé em 2005. A partir de minha iniciação, comecei a ter problemas com os traficantes do Complexo do Lins. Quando cheguei à favela de cabeça raspada, por conta da iniciação, eles viravam o rosto quando eu passava. Com o tempo, as demonstrações de intolerância aumentaram. Quando saía da favela vestida de branco, para ir ao terreiro que frequento, eles reclamavam. Um dia, um deles veio até a minha casa e disse que eu estava proibida de circular pela favela com aquelas “roupas do demônio”. As ameaças chegaram ao ponto de proibirem que eu pendurasse as roupas brancas no varal. Se eu desrespeitasse, seria expulsa de lá. No fim de 2010, dei um basta nisso. Não suportava mais fingir ser o que eu não era e saí de lá.

Finalizando a notícia, o Jornal Extra destaca o depoimento de uma mãe de santo de um bairro no Rio de Janeiro.

**Mãe de santo há 30 anos, expulsa da Pavuna:**

Disseram que quem mandava ali era o “Exército de Jesus”.

– Comprei, em 2009, um terreno no Parque Colúmbia, na Pavuna. No local, não havia nada. Mas eu queria fundar um terreiro ali e comecei a construir. No início, só fazia consulta, jogava búzios e recebia pessoas. Não fazia festas nem sessões. Não andava de branco pelas ruas nem tocava atabaque, para não chamar a atenção. Um dia, o presidente da associação de moradores foi até o local e disse que o tráfico havia ordenado que eu parasse com a “macumba”. Ali, quem mandava na época era a facção de Acari. Já era mãe de santo há 30 anos e não acreditei naquilo. Fui até a boca de fumo tentar argumentar. Dei de cara com vários bandidos com fuzis, que disseram que ali quem mandava era o “Exército de Jesus”. Disse que tinha acabado de comprar o terreno e que não iria incomodar ninguém. Dias depois, cheguei ao terreiro e vi uma placa escrito “Vende-se” na porta — eles tomaram o terreno e o puseram à venda. Não podia fazer nada. Vendi o terreno o mais rapidamente possível por R\$ 2 mil e fui arrumar outro lugar.

As dificuldades em reconhecer o direito da liberdade de expressão religiosa estão associadas, por um lado, aos preconceitos em relação às manifestações de fé dos negros na sociedade brasileira e ao proselitismo – o desejo de aumentar o número dos fiéis de uma determinada denominação religiosa.

Por outro lado, afirma Vagner Gonçalves da Silva, o combate às religiões de matrizes africanas,

(...) parece ser uma estratégia para monopolizar seu principal bem no mercado religioso, as mediações mágicas e a experiência do avivamento – em forma de êxtase religioso –, transformando-o em um valor interno do sistema neopentecostal (...) o reconhecimento de um valor no outro que poderá servir aos meus caprichos induz a implementação de estratégias de apropriação dos mesmos (SILVA, 2006, p.208-209)

O que podemos perceber é que a violência tem sido um modo de apropriar o “simbólico” do outro e torná-lo uma fonte de enriquecimento próprio. Pensar um mundo de paz e de respeito ao outro, de defesa incondicional da vida, talvez seja um caminho alternativo para enfrentar tantas formas de violência que degradam dia a dia a existência humana. A negação dos direitos, bem como o seu cerceamento por mecanismos violentos, são práticas abomináveis, que não condizem com o exercício da democracia e nem conseguem dar sustentabilidade a projetos que estejam em consonância com a defesa da dignidade humana. Buscar desenvolver no cotidiano gestos e práticas, que visam à superação de todas as formas de violência, é uma tarefa que compete a cada um de nós, seja lá qual for o local onde desenvolvemos nossas atividades diárias. Trata-se na verdade de uma reeducação para uma cultura de paz, fruto da justiça e da igualdade entre os seres humanos em suas relações e nas relações com o meio onde vivem.

## REFERÊNCIAS

- SANTOS, Ivanir dos; FILHO, Astrogildo Esteves. In: \_\_\_\_ (Orgs). **Intolerância Religiosa x Democracia**. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.
- SILVA, Marlise Vinagre. Liberdade, democracia e intolerância religiosa. In:
- SANTOS, Ivanir dos; FILHO, Astrogildo Esteves (Orgs) **Intolerância Religiosa x Democracia**. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância Religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo afro-brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2009.
- SILVA, Jorge da. **Guia de Luta Contra a Intolerância Religiosa e o Racismo**. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.
- SILVEIRA, Daniele. **Homicídios entre jovens crescem**

**326% e negros são maiores vítimas.** Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/13651>>.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a Cidade:** a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. **ORIXÁS:** Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio Edições e Promoções Culturais, 1981.

CRIME e preconceito: mães e filhos de santo são expulsos de favelas por traficantes evangélicos. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/crime-preconceito-maes-filhos-de-santo-sao-expulsos-de-favelas-por-trafficantes-evangelicos-9868829.html#ixzz2jgIr0IXY>>. Acesso em: 10 out. 2013.

EVANGÉLICOS tentam invadir terreiro em Olinda. Disponível

em: <<http://www.deldebbio.com.br/2012/07/18/evangelicos-tentam-invadir-terreiro-em-olinda/>>. Acesso em: 10 out. 2013.

EVANGÉLICOS são acusados quebrar centro de umbanda no Rio. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u408216.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2013.

HOMICÍDIOS entre jovens crescem 326% e negros são maiores vítimas. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/13651>

<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias>>. Acesso em: 10 out. 2013.

Recebido em nov. 2013.

Aceito em fev. 2014.